

A Aviação Pioneira em Viana

REGISTO

O entusiasmo pela aviação eclodiu precocemente em Viana. Precocemente — e tiranicamente. Levou logo prosélitos a sacrifícios pecuniários importantes, para maior glória das asas metálicas do futuro ... com asas de tela, ainda! Entre os entusiastas pioneiros achamos o capitão Manuel Luís dos Santos e o talentoso Salvato Feijó. Para concretizarem o sonho, ainda envolto em segredo, que acalentavam, careciam estes, porém, de interessar nele mais alguém; alguém que soubesse tripular aquelas máquinas caprichosas. Para tal aliciaram Sanches de Castro, propondo-lhe nada menos que isto: financiar-lhe um estágio em França e lições, ali, numa escola de pilotagem!

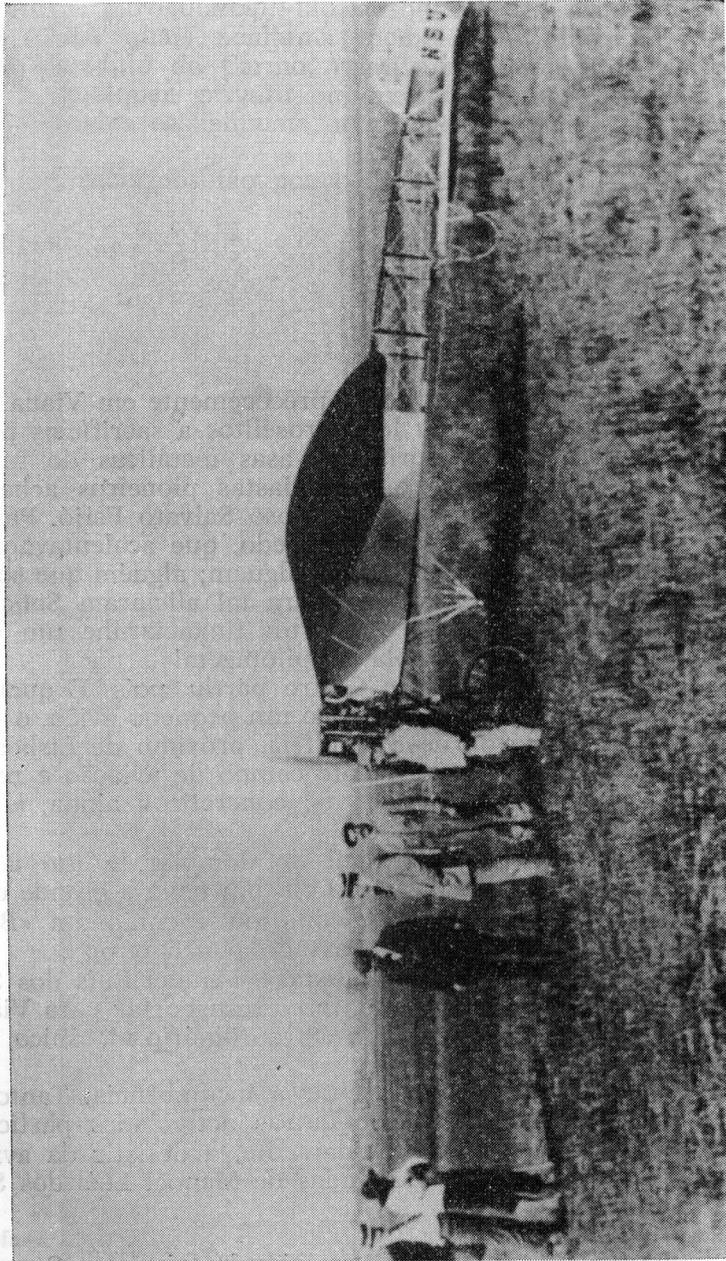
Estava-se em 1912. Sanches de Castro partiu, pois. E quando ao cabo regressou a Portugal já trazia consigo um pequeno avião, o «Antoinette». No mouchão da Póvoa de Santa Iría, próximo de Lisboa, Sanches de Castro estabeleceu um incipiente campo de aviação e realizou, com ele, os seus primeiros vôos no país; concretizou ainda, ali, uma primeira escola preparatória de pilotos.

Mas o «Antoinette» não era fácil de dominar, e um acidente obrigou-o a pôr de parte esse aparelho. Com um novo e grande esforço financeiro dos seus amigos de Viana, comprou-se então um «Blériot» — mas ... também este se inutilizou passado pouco tempo.

Decidiram nessa altura os «capitalistas», Manuel Luís dos Santos e Salvato, tal como Sanches de Castro, fazer transportar para Viana os dois aparelhos, e confiá-los à perícia do extraordinário mecânico, amigo de todos, João Branco¹.

João Branco não quis porém aceitar a incumbência. Tanto mais que Sanches de Castro por força de outras actividades particulares tinha agora que afastar-se (veio, seguidamente, a desistir da aviação). Mas tempos depois, a instâncias renovadas de Manoel Luís dos Santos

¹ João Branco foi mais tarde chefe mecânico da Aviação do Corpo Expedicionário Português em França, na Grande Guerra de 1914-18, onde mereceu até um especial louvor.



Na Insua de Viana do Castelo, junto do Blériot, João Branco, Salvato Feijó (de palhinhas) Norberto Gonçalves e o Capitão Xavier da Costa

e de Salvato, voltou a olhar para «toda aquela sucata». Nos armazéns da firma Lind & Couto «arrumou» então o Blériot partido e começou paciente e vagarosamente a desmontá-lo. Em Junho de 1913 deu por finda a reparação e declarou-o apto a voar ainda. Só havia que achar-se outro piloto para a experiência. E ele surgiu na pessoa do aluno-piloto Norberto Gonçalves — rapaz decidido, motociclista audacioso, camarada simpático e educado.

Com exemplar e paciente atenção ouviu as explicações, prelecções, advertências e conselhos de João Branco, dias a fio. E tratou-se enfim da escolha do campo de descolagem.

Para o efeito, recaiu numa ínsua do rio Lima, e aí se construiu à pressa um tosco hangar de madeira. Entretanto o grupo de «devotos do ar», segundo a expressão de um deles, Avelino Vieira, aumenta pouco a pouco em volta dos dois primeiros. Entre eles, colaborante, está o major José Xavier da Costa — que desespera a família quando faz abater a mais bela noqueira da sua conventual propriedade de Ganfei para lhe utilizar a madeira na feitura de nova hélice para o aparelho...²

Do diário do capitão Manuel dos Santos, em algumas folhas que nos facultou seu filho António Guimarães dos Santos, respigamos parte do final: «Principiados os vôos, durante três meses se fizeram vários. Mas em fins de Agosto do mesmo ano (1913) numa dessas tentativas, numa lição menos feliz, partiu-se uma vez mais o Blériot. E esse desastre quebrou também de vez o ânimo dos entusiastas que financiaram a empresa. Mas afigura-se-me que não será demais considerá-los, no princípio da escala dos precursores, como recordação a integrar nos anais de Viana do Castelo».

— No diário «República» de 28 de Agosto de 1959 o atrás citado Avelino Vieira faz, por seu turno, mais ou menos o relato que acaba de se ler. E no «Comércio do Porto» de 20 de Fevereiro de 1968 informa o jornalista Severino Costa que foi de facto Norberto Gonçalves o primeiro aviador civil português a sobrevoar esta cidade.

*

Mais tarde causaram sensação na urbe os voos de Romeu Duro e de Norberto Guimarães — este casualmente aqui, na altura, e que subiu em seguida no avião do primeiro. Avião que por fim caiu em Afife, tripulado depois pelo então governador civil major Aires de Abreu.

E em 1919 aterrou ainda no Campo do Castelo um «Farman» de instrução, o «Quo Vadis», com Sarmento de Beires e o mecânico João

² O major Xavier da Costa veio a evidenciar-se também pelo seu extraordinário valor na Guerra de 1914-18, na batalha de La Lys. Regressou quase cego, depois de dado como desaparecido, muito tempo antes. A uma rua da cidade foi aposto o seu nome.

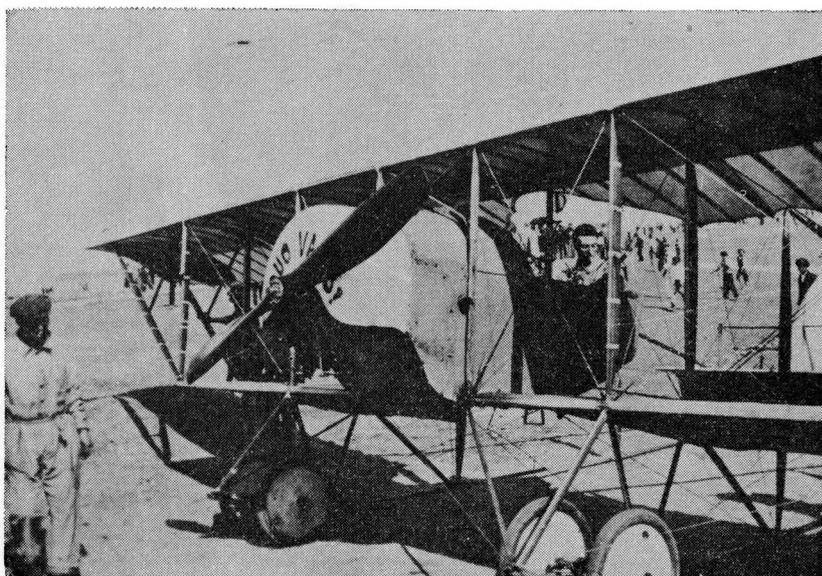
José da Costa ³, vindos de Lisboa com escalas em Coimbra e no Porto. Logo muita gente acorreu, como de costume, a ver de perto o avião. Novo acidente ocorreu porém na descolagem para o regresso, que projectavam fazer sem escalas. Talvez devido à maior quantidade de combustível com que, para isso, se abastecera, o «Quo Vadis», perto ainda do solo, partiu a hélice e foi embater nas casas baixas que limitam o Campo, do lado da veiga da Areosa — danificando as paredes e a sua própria estrutura, com perigo para o piloto. Transcrevo ainda de Severino Costa as palavras que ele recolheu de Sarmento de Beires, numa crónica: «... a parede ficou a menos de um metro dos meus joelhos...».

Depois destes, cuido que não voltou qualquer outro avião a descer naquele local. Apenas em dias recentes nesse local, ali poisaram helicópteros, ou transportando qualquer mensagem ou colaborando em exercícios militares, entre o Castelo e o espaço fronteiro ao Templo, em Santa Luzia. — Com grande desespero aliás dos feirantes das sextas-feiras, na altura obrigados a situarem as tendas na parte norte daquele Campo, que viam as coberturas de lona e os retalhos de tecidos espalharem-se por todos os lados com a deslocação de ar provocada pelas pás da hélice dos aparelhos.

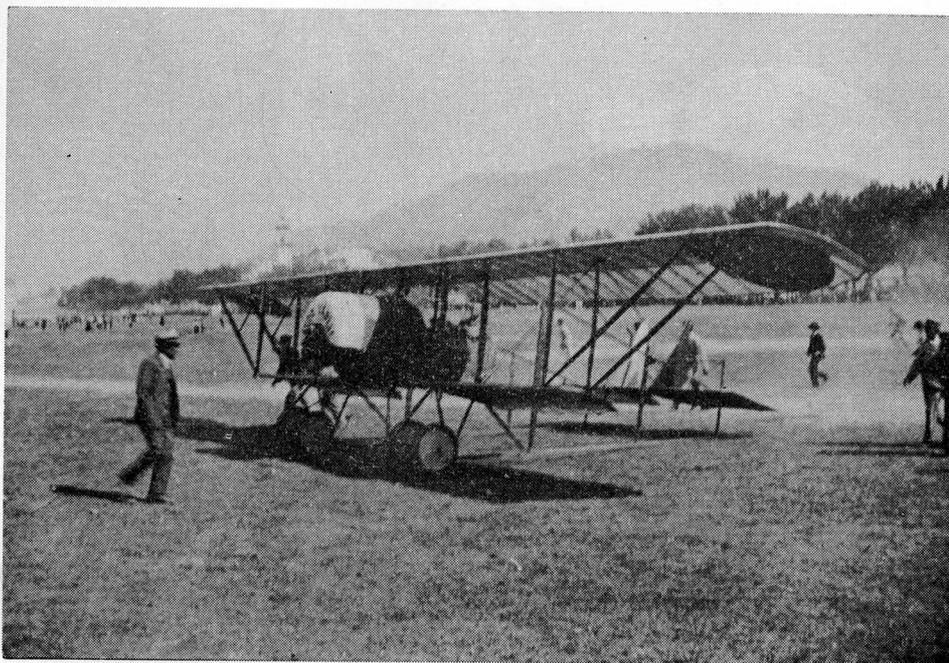
*

NOTA — Já em 1859 a população da cidade se interessava por cometimentos aéreos. O «Vianense» de 7 de Fevereiro desse ano notícia o descontentamento geral por ser anulada pela segunda vez, devido ao tempo desfavorável, a subida do balão dos «Astronautas» — uns ambulantes que aqui estavam —, já com o largo de Sant'Ana repleto de curiosos de presenciá-la. Não se tratava ainda de aviação propriamente dita, é certo... mas de um passo em frente, pelo menos, para a conquista do espaço!

³ Sarmento de Beires, com Brito Pais, e graças à colaboração preciosa do mecânico Gouveia, seria em 1924 um dos heróis da primeira travessia aérea Lisboa-Macau — durante a qual saíu o seu livro de versos «Sinfonia do Vento» editado pela «Seara Nova». O infeliz mecânico Costa teve pouco depois um trágico fim, decapitado pela hélice dum motor em que trabalhava.



O «Quo Vadis» em Viana



O «Quo Vadis», com Sarmiento de Beires, levanta vôo no Campo da Agonia
(fotos do eng. Belfort Cerqueira)